



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 4, art. 11, p. 210-227, jul./ago. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.4.11>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Conectivos e Aspectos Semânticos: Três Questões e uma Questão

Connectives and Semantics Aspects: Three Questions and one Question

Carlos Eduardo da Silva Ferreira

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara

E-mail: karloseduardoo@yahoo.com.br

Endereço: Carlos Eduardo da Silva Ferreira
Rua Bahia, 2239, CEP 14810-247, Araraquara/SP, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 07/03/2018. Última versão recebida em 02/04/2018. Aprovado em 03/04/2018.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

Agências de fomento: Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



RESUMO

Neste artigo, trazemos à cena 3 *questões* retiradas de processos seletivos de ingresso ao Programa de Pós-graduação de Linguística e Língua Portuguesa da Unesp-Araraquara, a fim de que, a partir delas, sobre-elevemos reflexões sobre a importância de sensibilizações semânticas do tema *conexão de orações*. No horizonte deste trabalho temos como importante interlocutor o profissional em educação que se interessa com assuntos ligados à produção de sentido em língua. Encerramos o movimento do texto trazendo esta *questão*.

Palavras-chave: Conectivos. Estudos enunciativos. Semântica. Bakhtin. Culioli.

ABSTRACT

In this article, we bring to the scene 3 questions drawn from selective processes for joining the Unesp-Araraquara Postgraduate Program in Linguistics and Portuguese Language in order to give rise to reflections on the importance of semantic sensitization of connection theme of sentences. In the horizon of this work we have as important interlocutor the professional in education that is interested in subjects related to the production of meaning in language. We close the movement of the text with this *question*.

Keywords: Connectives. Enunciative Studies. Semantics. Bakhtin. Culioli.

Um começo de conversa

“Toda técnica/exercícios de sala de aula (em qualquer disciplina) é derivada de uma metodologia de trabalho, por sua vez, ainda derivada de uma teoria, que é derivada de uma ideologia, entendida esta última noção, não em um sentido pejorativo, mas em um sentido amplo de visão de mundo. A interdisciplinaridade, por exemplo, só é possível ser realizada através de técnica/método/teoria/ideologia semelhantes.”

Letícia Marcondes Rezende (1992, p.151).

1 INTRODUÇÃO

Na questão do trabalho escolar, tem sido dada uma importância à discussão filosófica das inter-relações entre os campos do saber, visto que, historicamente, possuem radicais separações delimitativas.

Para este artigo, gostaria de sobre-elevar algumas mobilizações da óptica dos estudos discursivos de viés bakhtiniano. Apesar de o campo da Análise do Discurso possuir linhas de análises de discursos (bakhtiniana, foucaultiana, pecheutiana, maingueneuniana, crítica...), podemos considerar que ambas os delineares que elas traçam tomam que o fenômeno da linguagem humana, essa pluralidade de expressividades, não é transparente, ou seja, há um processo dialógico (e não diretivo) de produções de sentidos onde se procura detectar, num momento expressivo (o acontecimento enunciativo), como alguém significa ou algo é significado, trazendo-se sempre o pressuposto de redes de relações. Esta visão contempla a perspectiva de leituras do materialismo histórico-dialético ao promover explicitações de movimentos de ideologias realizadas em práticas do cotidiano. Imagetivamente, é como se houvesse um enorme *iceberg* onde o explícito do bloco (pequena superfície que está em conjunto com uma parte imersa, tácita) representasse a atividade prática, chamada de “concreto imediato”, mas que não é total, centrado em si, mas sim expressão interligada a uma dinâmica inter-relacional, podendo ser “vista” ao fazermos relações, cotejamentos.

Ao investigarmos, via marcas linguísticas, as instalações dos cenários enunciativos, colocamos no centro do confronto relações sobre ancoragens interpretativas que sujeitos, em suas densidades sócio-históricas, se aportaram. Poderemos encontrar visões de mundo prévias ao momento do dizer, verificando como este trabalho operatório do dizer (atividade epilinguística) de organização sobre as possibilidades de estruturação dos mundos e, neste processo, as predicções são posicionadas.

Do ponto de vista da pesquisa linguística, assentar-se neste rumo metodológico, em que marcas linguísticas dão pistas de movimentos de linguagem, orienta-nos verificar *por que* e *como* se dá o trabalho dos sujeitos na empreitada de construções de cenários enunciativos, de caminhos interpretativos.

A produção de um enunciado (um acontecimento, uma materialidade expressa) não pode ser estudada ou mesmo interpretada fora de seu contexto sócio-histórico, isto porque estão agregados valores sob formas historicamente em diálogo (correlação conflituosa ou harmoniosa) de diferentes grupos. Neste sentido, estudar as relações entre *eu* e *outro* é promover redes de interpretações enunciativas sob enunciados em relações dialógicas (BAKHTIN, 2003). O analista contribuirá com seu excedente de visão frente os cotejamentos interpretativos que desejar colocar em cena.

Focalizar os nossos trabalhos a partir do processo interativo exige instaurar um deslocamento de um lado, a linguagem vista como repertório, tradução de pensamentos prévio, ponto estável, acabado, para a linguagem vista no confronto entre o ‘dado’ e ‘novo’, o repetível e o singular. É preciso fazer emergir espaços em nós que sustentem/inspirem a disponibilidade estrutural para a mudança, admitindo-se, portanto, a historicidade da linguagem, a constituição contínua dos sujeitos e o espaço das interlocuções discursivas (FERREIRA, 2015).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No jogo gramatical das construções formais e de sentido, trazer o embate entre formal (linguagem) e empírico (atividade enunciativa) é instaurar na cena da conversa dialógica (explicitação) o vivenciamento entre as experiências dos sujeitos em interlocução. Diálogo significa que temos em nós imagens do outro (interlocutores), além de termos também imagens que o outro faz de nós e como nós mesmos nos fazemos por nós. É nesta teia de relações que a atividade de ensino emerge. Entramos num movimento de espiral que rodopiam construções. Início e fim/finalidade se inter cruzam para dar espaço ao provisório material. Estabilizamos e instabilizamos tanto formas quanto conceituação de formas. Formamos uma história de apropriações indiciárias do movimento de andanças que é a linguagem.

Sendo a língua uma expressividade, podemos operar atividades que montem e desmontem as possibilidades de leitura/interpretação que sua materialidade nos oferta. Língua é estrutura; é função; é lugar interacional; é espaço de construção de sentidos, de alteridade; é

lugar de conflito, de intersubjetividades na arena das negociações da significação.

Além da concepção dialógica abordada aqui, operamos funcionalmente com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), teoria desenvolvida por Antoine Culioli. Os protocolos de trabalho desta sobre as expressividades/os textos procuram dar visibilidade a operações de construção que vão do formal ao empírico, investigando as correlações entre atividade epilinguística (um movimento ordenador, “silencioso”) e explicitações da ordem linguística e metalinguística.

A definição de linguagem, para Culioli, diz respeito a processos operatórios constitutivos dos seres que, no caso do ser humano, traz um refinamento na constituinte da expressividade, desdobrando-se em si por meio de ajustes de sentidos interpretativos dentro de um contexto psicossociobiológico de interações.

Culioli (1990; 1999a; 1999b) vai compor seu quadro teórico com a definição de linguagem como uma atividade denominada de epilinguismo, uma “racionalidade silenciosa”, que consistiria num trabalho de natureza cognitivo-cultural. O significado de um enunciado é construído por meio de modulações de sentido, e essas modulações dialogam entre si e com um determinado conteúdo predicativo, o qual fornece a espessura dialógica necessária à construção da representação.

A enunciação, portanto, pressupõe a existência de um percurso marcado de operações, nas quais um sujeito enunciador, numa situação de enunciação, (por meio de ajustamentos) busca, no discurso, significar e constituir sentidos.

Os constituintes do mínimo e do máximo, do significante e do significado, da palavra e do texto, da forma e do conteúdo se inter-relacionam em operações de produção de sentidos pelos sujeitos. A tradição de estudos em Morfossintaxe tem investido em suas práticas metodológicas uma perda de noções dos constituintes, por meio de suas metodologias de analíticas, isto é, o isolamento lexical e categórico, típico de práticas metodológicas em Morfossintaxe, não faz emergir de maneira potencial processos de atribuição de sentidos de operações que os sujeitos mobilizam para se expressar e compreender os jogos de linguagem.

As formas de abordar língua conferem modos de se ver o mundo, e as relações estabelecidas nele/sobre ele circulam entre nós, não apenas quando são explicitados entenderes sobre língua e sociedade, mas também quando praticamos exercícios que fundamentam um *modus operandi* que libera/ensina/treina formas de visão sobre as relações entre os sujeitos e os conteúdos de atuação sob o mundo.

3 QUESTÕES:

Partindo da recolha de 3 enunciados/questões de provas do Processo Seletivo de ingresso a estudos da Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp-Araraquara, traço linhas de reflexão que contemplem o tema de conectivos oracionais. O desenvolvimento destes debates toma prosseguimento e se sintetiza na próxima seção.

I. (PPGLLP - 2012) – Câmara Jr. (1972, p. 79-80) define os conectivos do seguinte modo:

“Em português, os conectivos subordinativos se dividem em preposições e conjunções. As preposições subordinam um vocábulo a outro: flor do campo, falei de flores. As conjunções subordinam sentenças. (...). Os conectivos são em princípio morfemas gramaticais. Pertencem ao mecanismo da língua sem pressupor em si mesmos qualquer elemento do universo biossocial.”

Afirmações como essa de Câmara Jr. tendem a classificar as preposições como itens estritamente gramaticais, destituídos de significado. Discuta como os enunciados abaixo podem se contrapor a essa visão sobre as preposições na Língua Portuguesa.

João veio *de* São Paulo.

João veio *para* São Paulo.

André foi *com* Maria ao supermercado.

André foi *sem* Maria ao supermercado.

O foco dos conectivos desta questão se orienta para as preposições. No entanto, antes de discorrermos sobre determinados movimentos semânticos de conectivos entre orações, é válido ressaltar a crítica a essa visão da consideração, colocada aqui por Mattoso Câmara Jr. (1972), de os conectivos serem mecanismos puramente gramaticais desprovidos de semantização devido às cenas enunciativas (universo biossocial).

Tomemos os seguintes enunciados:

1- Desde que eu moro nesta vila, ele não veio me visitar.

2- Desde que você me pague, você entra.

Há uma homonímia estrutural nas formas em destaque, porém cada uma destas sustenta movimentos semânticos distintos: enquanto em 1, desde que instaura uma marcação temporal; em 2, desde que instaura uma condição, uma restrição. Discutir os valores instalados nos enunciados é colocar a busca de produção de sentidos como foco da articulação

forma-conteúdo.

Os mais variados valores semânticos categoriais e suas relações entre si (definitude, indefinitude, agentividade, temporalização, instrumentação, causalidade, posse, modalização entre outros) compõem procedimentos da ordem da linguagem que vão materializando, por meio de marcas linguísticas, os enunciados concretos. Em “copo de leite” podemos ter, na dependência da contextualidade, um uso ligado à ideia de “composição do conteúdo” e, não obstante, a referência à ideia de “composição da forma”: leite é material de copo. Em “copo de vidro” a mesma questão. O universo biossocial da densidade dos usos das formas atua como importante mecanismo desambiguizante da produção de sentidos.

Sobre os nossos exemplos da questão da prova do PPGLLP, podemos configurar, assim, os seguintes posicionamentos acerca da semantização operada pelas marcas linguísticas dos conectivos:

- 1- “João veio *de* São Paulo” instaura-se uma ideia de procedência/origem, em que há um deslocamento. Destacamos, também, que a semântica do verbo *veio* + *de* nos indicia sobre os lugares físico-espaciais de onde algum sujeito fala. A debreagem espacial instala uma montagem de cena, cujo espaço de onde alguém diz não é “São Paulo”, pois um alguém quando *vem de*, *vem de* um *outro* lugar que não o de onde se enuncia;
- 2- Em “João veio *para* São Paulo” instaura-se uma ideia de destino. Diferente de *veio de* a estruturação enunciativa com *veio* + *para*, em sua debreagem espacial, instala na cena uma marcação que o sujeito que diz está em “São Paulo”, pois um alguém quando *vem para*, *vem para* o lugar de onde se enuncia;
- 3- Em “André foi *com* Maria ao supermercado” temos uma marcação de companhia;
- 4- “André foi *sem* Maria ao supermercado” temos uma marcação de ausência de companhia.

Os conectivos podem exprimir, ainda, outros valores, dentre os quais podemos destacar os seguintes: origem, destino, posse, matéria, assunto, companhia, presença, ausência, instrumento, agente, lugar, meio e beneficiário. Exemplos: “Calça *de* Tiago”

(posse); “Caixa *de* madeira” (matéria); “Falou *de* Física” (assunto); “Fechou a janela *com* a chave” (instrumento); “O carro foi batido *por* ela” (agente); “Não vou *por* esse caminho” (lugar); “Conversei com ele *pelo* celular” (meio); “Enviei a encomenda *para* o Zé” (beneficiário).

Reflexões sobre semânticas de conectivos e, em específico a esta questão, das preposições, coloca-nos a compreender que a estrutura do todo de um sentido de uma frase se relaciona com as partes constituintes.

É importante ressaltar que nem sempre um conectivo exprime uma relação semântica entre duas palavras ou orações, como em “Gosto de você”, em que o conectivo *de* é estrutura que direciona o complemento verbal.

Outro aspecto: há casos que, mesmo não havendo um conectivo, podemos subentender uma relação de sentido entre duas frases. Por exemplo: “Eu te amo. Com você meu mundo fica com mais brilho”. Podemos encontrar entre estas duas frases uma relação semântica de causa ou explicação.

II- (PPGLLP - 2012)

Responda:

Quais as diferenças de sentido que você pode depreender, pragmaticamente, em relação à quantidade de maçãs, nas três frases abaixo, levando em conta a sintaxe como instrumental em relação à semântica?

- (1) Pegue esta caixa e jogue fora as maçãs que estão podres.
- (2) Pegue esta caixa e jogue fora as maçãs, que estão podres.
- (3) Pegue esta caixa jogue [sic] fora as maçãs que estejam podres.

A construção de sentido está atrelada à disposição sintática e esta estrutura/combina caminhos interpretativos dos enunciados.

Estas três construções contêm o que a Gramática Normativa (GN) tem chamado de exemplos de subordinadas adjetivas e as tipologiza classicamente como adjetivas restritivas (exemplos 1 e 3 da pergunta) e explicativas (exemplo 2). Por trás desta categorização há um fundamento lógico-organizacional dos enunciados, ou seja, a sintaxe elencada aponta para agrupamentos e pressupostos lógicos distintos.

Notemos que a conexão entre a parte oracional sobre o <estar podre> (a subordinada adjetiva) e o termo da outra oração (a de base, a “principal”) a que a predição se refere é realizada pelo conectivo *que*. Deste modo, além de ele relacionar as duas orações de cada enunciado (1, 2 e 3), o conectivo realiza um papel semântico de retomada referencial (anáfora).

Em 1, há um quadro lógico que delimita que num grupo de maçãs haveria maçãs podres e não podres, sendo a instrução dada para que alguém jogue foras as maçãs podres. Em 1, temos uma marca de [+certeza] em relação à existência de maçãs podres em relação ao que temos em 3, em que a lógica da existência de maçãs podres é [+hipotética]: “jogue fora as maçãs que estejam podres”. A marca do subjuntivo no verbo nos orienta sobre esta questão e, inclusive, possibilita uma compreensão de condição: o ato de jogar maçãs fora dependerá da condição de elas estarem podres.

Em 2, o grupo lógico montado é que todas as maçãs estão podres. A classificação normativa entre adjetiva restritiva e adjetiva explicativa tem a ver com maneiras da construção lógica.

Perguntemo-nos: o *e* que conecta “Pegue esta caixa” e “jogue fora as maçãs” possui uma semântica de adição de cena. Poderá esta conjunção *e* ser entendida também com valor de adversidade?

Este exercício nos faz, como falantes da língua, a operar com todo um sistema de inter-relações sintático-semânticas para validar construções possíveis, isto é, esta atividade auxilia a promovermos com direcionalidade a atividade constitutiva aos sujeitos: o domínio da epilinguagem, movimento psicossociobiológico sinónimo de *linguagem*.

III- (PPGLLP - 2016)

Ao tratar da análise sintática do período composto por **coordenação**, a gramática tradicional define a **oração coordenada adversativa** como aquela que apresenta uma conjunção adversativa (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 611), como em (1):

(1) Ele é político, mas é honesto.

Confronte a definição tradicional com a abordagem linguística da oração adversativa a partir das sentenças (2) e (3), buscando destacar **aspectos sintáticos e semânticos** relevantes para a análise sintática.

(2) João estudou muito para o concurso, mas foi reprovado.

(3) João estudou muito para o concurso e foi reprovado.

Aquele posicionamento de Mattoso Câmara Jr de conterem os conectivos a função estritamente gramatical, colocado em I, prospera sobremaneira um rumo à compreensão de uma abordagem dos conectivos num foco estruturante desligado de operações semânticas em sua base. Nesta esteira, torna-se possível/plausível, assim, o destaque da gramática de cunho tradicional sobre o fato de apenas uma forma-estaque genérica possibilitar uma classificação que, *esquizofrenicamente* contrária a isto, marca uma natureza semântica em sua tipologização (aditiva, conclusiva, final, condicional etc).

Antes de debater os exemplos desta questão do PPGLLP, trabalhe com o seguinte grupo:

3a. Loco Abreu driblou e fez o gol. (Valor de ADIÇÃO.)

3b. Loco Abreu driblou e não fez o gol. (Valor de OPOSIÇÃO; equivale a um *mas*.)

3c. Loco Abreu driblou a todos e mereceu ter ganhado. (Valor de CONCLUSÃO; equivale a um *portanto*.)

A partir destes exemplos, podemos verificar a importância das condições de encaixe para a produção de sentido que a marca conectiva estabelece em cada enunciado.

A relação instaurada pelo “e” entre “Loco Abreu driblou” com “[Louco Abreu] fez o gol” marca uma sequencialidade de cenas. Logo, uma ideia aditiva de cenas.

A relação instaurada pelo “e” entre “Loco Abreu driblou” com “[Loco Abreu] não fez o gol” traz uma pressuposição na segunda parte: ao conseguir driblar, ao conseguir efetuar toda uma conquista que rumo ao gol – marcação de objetivo –, o ato de não fazer o gol, por algum motivo, é uma oposição a este pressuposto. Agregada a esta leitura, podemos compreender que a marca “e” aqui colocada também instaura uma adição de cena: a cena da qual se tira o pressuposto. Assim, é possível uma leitura que este “e” é uma adição de oposição. Diferente seria se o conectivo fosse, neste caso, “mas”: o “mas” marca uma semântica de oposição, porém não fortalece a ideia de sequenciação de cenas, e sim de predicções sobre pressupostos.

Em 3c, semelhante ao raciocínio que fizemos para 3b, podemos analisar a conclusão como uma adição conclusiva.

Nos dados 2 e 3 do enunciado da prova do PPGLLP podemos depreender que em 2, tiramos o pressuposto de que quem estuda muito é aprovado, porém não foi suficiente: mesmo estudando muito para o curso, Joao fora reprovado. Há uma quebra da direcionalidade lógico-proporcional/lógico-consecutiva em que estudar muito implica em passar. Em 3, o “e” indica acréscimo de cena num aspecto adversativo. Seria este “e” aditivo ou adversativo? Como dissemos em nossas reflexões, tratamos de concebê-lo como adição adversativa, uma construção que associa adição e adversidade, sendo esta adversidade deduzida de um pressuposto lógico-enunciativo e não semanticamente exclusivo do conectivo, aqui, no caso, o *mas*.

(2) João estudou muito para o concurso, mas foi reprovado.

(3) João estudou muito para o concurso e foi reprovado.

4 METODOLOGIA

4.1 Um olhar no trabalho pedagógico com conectivos

O trabalho, não só com os conectivos na articulação entre estrutura e funcionamento gramatical-discursivo no viés dialético, nos orienta a uma compreensão educacional de que os caminhos de ensino-aprendizagem se assentam sob a demanda de sensibilizar os sujeitos no ambiente escolar, espaço institucional, aos jogos de análise entre estruturas e funções linguísticas. Este trabalho operatório busca promover um caminho permissivo que explicita/tome o sujeito no âmago dos processos de significação.

Durante a cadeia de produção de sentidos numa aula, por exemplo, o acontecimento faz emergir comparações das mais inusitadas. Um som puxa outro som. Uma palavra puxa outra palavra. Uma análise puxa outra análise.

Discutir o lugar do aparecimento e suas formas de interação ocorridas por causa do gênero discursivo ou lugar midiático é colocar em cena uma reflexão sobre a atividade da linguagem em meio às dinâmicas do seio social. Em aulas, muito se tem dito que essa atividade gera a um estado radical de manipulação com o empírico (uma certa “loucura” metodológica), trazendo o sujeito a uma sensibilização com marquinhos linguísticas, estas deixadas pela atividade construtiva da linguagem. Esta interação perpassa o nível das inter-relações entre os sujeitos. Como já dissemos neste texto, subjacente a uma teoria se assenta

uma metodologia do trabalho embebida por ideologias orientadoras do tratamento do ser no mundo das relações.

Tem sido um lugar muito comum entre professores, educadores e estudiosos da linguagem certas atitudes negativas em relação ao ensino e debate sobre gramática. Uma consequência disto se encaminha para ou uma rejeição do estudo gramatical ou para práticas que continuem apregoando exercícios que condicionem visões de mundo muito estabilizadas, se compreendermos que a análise gramatical seguiria paralela à análise do mundo.

Mas o que é mesmo “gramática”? Uma questão norteadora para a relação gramática e ensino é a seguinte: por que e como as expressões das línguas naturais significam aquilo que significam?

É importante reconhecer/reconstruir/recobrir cenários de um todo enunciado significativo, a fim de compreender a formalização significativa das partes.

Na letra-canção “Carta de amor”¹, de Maria Bethânia encontramos:

‘Você é o oco, do oco, do oco, do sem fim do mundo’

No verso destacado por mim, a fim de explicitar uma noção sobre um vazio sem conteúdo que habita num interlocutor, trama esta que vinha ocorrendo em dizeres anteriores a este destaque, há uma estruturação muito interessante do ponto de vista formal.

Antes de debatermos sobre construções linguísticas deste verso em específico, valemo-nos de um outro exemplo de caso estrutural idêntico. Quando temos um caso como: “O filho₁, do filho₂, do filho₃ dela” a marca formal *filho₀* recai a sujeitos no mundo diferentes, mas que guardam uma relação de adentramento entre si. Podemos analisar, aqui, uma estilística enunciativa que estabelece hierarquias de agrupamento. Pensando em tema central ou polo do assunto, qual é o *filho_x* em questão? O *filho_x dela*? Estruturalmente é o filho₁, primeiro do encadeamento dado, mas que se interliga às outras especificações de filho_x. Pensando em construção de um grupo lógico, filho₁ é o elemento mais interno e filho₃ é o mais externo. Podemos pensar na propriedade temporalidade (entre anterioridade-posterioridade) que a noção de <ser filho> instaura.

¹ <https://www.vagalume.com.br/maria-bethania/carta-de-amor.html>

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na construção de nosso verso em destaque, tramar um cenário hierárquico de disposições, cuja marca semântica remonta a traços do vazio, do ínfimo (“Você é o oco, do oco, do oco do sem fim do mundo”) torna o elemento mais interno um elemento mais intenso na propriedade do vazio. O vazio possui fundo? Ser oco de algo que já é o oco de um oco? A semântica do léxico em questão se vale desta estruturação para potencializar a propriedade dimensão (entre pequeno-grande).

A tipologia tradicional dos compêndios de gramática possui diferentes critérios classificatórios que se imbricam entre si, provocando incoerências. Critérios que levam autores a classificarem determinados fundamentos linguísticos não contêm uma base tradicional de explicitações. A categoria sujeito, por exemplo, se mescla com critérios sintáticos e semânticos. Em *A porta fechou* temos um sujeito sintático *a porta*. O conteúdo semântico possui traços humanizantes. A porta se fecha? Alguém fecha a porta. Quem é o sujeito semântico da interação verbal? Sendo tipologizado como termo essencial da oração, portanto indispensável, como pode haver oração sem sujeito? Mesclam-se, assim, critérios de natureza próxima, mas distinta.

O estudo de redes semânticas instauradas nos enunciados possui forte valor argumentativo para as interconexões dos níveis de análise. Maria Helena de Moura Neves ressalta, numa perspectiva de paradigma funcionalista, que “a pragmática é vista como o quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é instrumental em relação à pragmática e a sintaxe é instrumental em relação à semântica” (NEVES, 1997, p. 46). Tomar como *instrumental* na leitura dialética, quer dizer *valer-se de* numa maneira *sine qua non* para a produção de textos/sentidos, e não apenas como um modo que ora ou outra os níveis de análise podem se intercomunicar. Para a produção estruturante dos sentidos, todo o dizer/o dito é resultado/resultante de uma rede de organizações do dizer. Estrutura e significações bailam nas operações construtivas da linguagem.

Ofertando alguns outros exemplos de trabalho pedagógico deste viés metodológico de confluência entre os níveis de análise e de diálogo com a tradição, trabalheemos com alguns exemplos:

- 4a. [Foi para a balada], mas [não conversou com ninguém].
- 4b. [Foi para a balada], porém [não conversou com ninguém].
- 4c. Embora [tenha ido para a balada], [não conversou com ninguém].

4d. Apesar de [ter ido para balada], [não conversou com ninguém].

Temos, aqui, um grupo de exemplos composto por conectivos que instauram valores de oposição entre a semântica das orações, que ligam enunciados com orientação argumentativa contrária. Notemos que estes quatro conectores que possuem valores semânticos de oposição estão posicionados em lugares distintos na estruturação dos enunciados. Formam os tipos estruturais: caso 1: $[a], c [b]$ e caso 2: $c [a], [b]$, em que o escopo (lugar atingido) do conectivo pode se dar em de a ou de b . Em 4a e 4b, temos que *mas* e *porém* estão ao lado de b (caso 1) e os dois últimos exemplos, 4c e 4d, temos que *embora* e *apesar de* estão encabeçando o enunciado e, assim, próximos de a (caso 2).

Perguntemo-nos: por que *embora* e *apesar de* encabeçam a primeira oração e não a segunda oração como o *mas* e o *porém*? Respondamos: porque, se saírem da estruturação do caso 2 para serem caso 1, o sentido se altera, ou seja, se *embora* e *apesar de* encabeçarem a mesma oração que o *mas* e o *porém* encabeçam, o sentido do enunciado é outro. Para discutir sobre isto, continuemos este nosso debate.

Como já colocamos anteriormente sobre pressupostos instalados em adversativas, podemos elencar um conjunto de traços tirados na relação entre duas orações com conectivo indicando contrariedade:

5a. Quero ficar com ela, *mas* [ela tem namorada].

<Ter namorada> faz emergir um pressuposto do recheio cultural que determinado sujeito coloca: quem tem namorada não pode se relacionar com outras pessoas; não posso tentar me relacionar com quem tenha namorada. <Ter namorada> ganha valor de oposição à ideia de “ficar com ela”. O *mas* e o *porém* são adversativos e fortalecem a oração a que se ligam.

5b. Quero ficar com ela, *embora* [ela tenha namorada].

Ao colocarmos o *embora* na mesma posição do *mas*, ou seja, na estrutura de caso 2, o sentido será outro. O pressuposto do recheio cultural, também presente aqui, não será, para o sujeito, a oposição que barrará seu desejo. O fato de ela ter namorada não é considerado um problema, sendo este dizer marcado com o *embora* uma ressalva que não anula o argumento

principal. Esta marcação instaura o que a tradição chama de concessividade, pois a há uma contradição explicitante.

5c. Embora [eu queira ficar com ela], ela tem namorado.

Colocando o *embora* na outra oração, ela se alia ao sentido de 5a (= *Quero ficar com ela, mas ela tem namorada*). Assim, como conectores de apresentação de oposições, *mas* e *porém* fortalecem a oração a que se ligam, enquanto *embora* e *apesar de* enfraquecem a oração a que se ligam e, conseqüentemente, fortalecem a oração a que não se ligam.

Três considerações:

1- Para uma não quebra do pressuposto, o *mas* acompanha a oração de que se tira o pressuposto e o *embora* não acompanha. Para uma quebra do pressuposto, o *mas* não acompanha a oração de que se tira o pressuposto e o *embora* acompanha.

Temos:

[pressuposto]

Quero ficar com ela, mas [ela tem namorada].

Embora queira ficar com ela, [ela tem namorada].

[Ela tem namorada], mas quero ficar com ela.

Quero ficar com ela, embora [ela tenha namorada].

Discursivamente, quebrar pressupostos, ou não, marca uma relação do sujeito com as ideologias circulantes nas sociedades. As construções sintáticas apontam para investigações sobre relações entre constitutividade dos sujeitos, ideologias e imagens da alteridade.

2- A estruturação dos casos, quando alterada de posicionamento nas concessivas, não perdem o alinhamento do sentido. Já nas adversativas, sim.

[Embora ela tenha namorada] [quero ficar com ela].

[Quero ficar com ela] [embora ela tenha namorada].

É possível manipular estruturalmente os casos 1 e 2 como $a, c \ b = c \ b, a$ tendo os conectivos *embora* e *apesar de*. Isto não se mostra, numa questão de marcação formal, com os conectivos adversativos *mas* e *porém*.

É válido ressaltar que nem sempre a partícula *mas* instaura adversidade, como em:

- *Mas* escuta só: Pasmé! Ele não vem jantar!
- *Mas* que gracinha, heim?!
- *Mas* você vai pra festa?

Estes *mas* encabeçam a sentença, porém podemos compreender que eles, no entanto, não funcionam como adversativas entre orações formais. Em I, temos um operador enunciativo de tomada de turno de fala; em II temos um recurso enfático irônico; em III temos uma interrogativa na dimensão do linguístico que se complementa adversativamente no plano do pragmático (contexto – não se espera que você fosse para a festa).

3- Da não equivalência usual, entre *mas* e *porém*: percebamos que há certas restrições formais para o aparecimento de *mas* e *porém*, como nos exemplos a seguir:

- Ele prometeu ficar 1 ano fora. Passado um mês, porém, ele retornou.
- Ele prometeu ficar 1 ano fora, mas, passados um mês, ele retornou.

Um último caso que trazemos sobre estas nossas linhas reflexivas é um exemplo que retoma as concessivas. Vejamos que, ao trabalharmos rearranjos com o exemplo bíblico de Salmos 23.4, podemos refletir sobre as formas de montagens de cenários:

- “Ainda que eu passasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum...”
- Se eu passasse/passar pelo vale da sombra da morte, mal algum temeria/temerei.
- Passando pelo vale da sombra da morte, mal algum temo/temerei.
- Ao passar pelo vale da sombra da morte, mal algum temerei.

Podemos ir desdobrando múltiplas paráfrases que possuem sutilezas interpretativas. Nestes nossos exemplos, os sentidos instaurados pelos conectivos são orientados de acordo com o acabamento interpretativo do conjunto global, isto é, as relações de concessão, condição, hipótese, consequência, por exemplo, são noções operadas no interior de uma semântica global de interpretações.

5 CONCLUSÕES

A produção de um enunciado (um acontecimento, uma materialidade expressa) não pode ser estudada ou mesmo interpretada fora de seu contexto sócio-histórico, isto porque estão agregados valores sob formas historicamente em diálogo (correlação conflituosa ou harmoniosa) de diferentes grupos. Neste sentido, estudar as relações entre *eu* e *outro* é promover redes de interpretações enunciativas sob enunciados em relações dialógicas. O analista contribuirá com seu excedente de visão frente os cotejamentos interpretativos que desejar colocar em cena.

A enunciação, portanto, pressupõe a existência de um percurso marcado de operações, nas quais um sujeito enunciador, numa situação de enunciação (por meio de ajustamentos) busca, no discurso, significar e constituir sentidos.

A GN de cunho tradicional possui, como instrumento linguístico-social, uma densidade histórica precisa, densa e compacta. Sendo assim, ao trabalharmos com os inúmeros compêndios que ilustram esta tradição de trabalho pedagógico, podemos verificar linhas que nos direcionam a sistemas ântropo-culturais (de visões de mundo e de relações sociais) que se materializam no cunho prescritivo de seus dizeres. No entanto, podemos considerar a GN pré-científica, composta por análises que resvalam inter-relações entre, por exemplo, os domínios morfológicos, sintático, semântico, filosófico no estudo das línguas.

É possível, na questão didática, explorar possibilidades de construção de sentidos a partir dos conectivos, refletindo que estes são elementos constitutivos da língua pelos quais cenários enunciativos são recobertos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1972.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Opérations et représentations (t1). Paris: Ophrys, 1990.
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Formalisation et opérations de repérage (t2). Paris: Ophrys, 1999a.
- _____. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Domaine notionnel (t3). Paris: Ophrys, 1999b.

FERREIRA, C. E. S. **O discurso sobre a aula de matemática:** articulando vozes na revista *Nova Escola*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Unesp, Araraquara-SP. 2015.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

REZENDE, L. M. “Educação e sociedade: o ensino de línguas”. **Didática**, v. 28, 151-172. São Paulo. 1992.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

FERREIRA, C. E. S. Conectivos e Aspectos Semânticos: Três Questões e uma Questão. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.4, art. 11, p. 210-227, jul./ago. 2018.

| Contribuição dos Autores | C. E. S. Ferreira |
|--------------------------------------------------------------|-------------------|
| 1) concepção e planejamento. | X |
| 2) análise e interpretação dos dados. | X |
| 3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo. | X |
| 4) participação na aprovação da versão final do manuscrito. | X |